



A ARTE CIRCENSE CONSTRUINDO IDENTIDADES

Paula Regi Macedo – UFPB
Carlos André Cavalcanti – UFPB

RESUMO

O presente trabalho trata das diferenças entre “cultura popular” e “cultura erudita”, segundo Peter Burke (2010) e, também, de distingui-las entre si. Tendo como objetivo exemplificar utilizando os artistas saltimbancos e sua origem pelo mundo até a chegada dos circos contemporâneos no Brasil. Portanto, é fundamental, primeiramente, uma descrição da trajetória do circo: desde sua origem na sociedade antiga, a arte do entretenimento, persiste como uma arte cheia de mitos, crenças e fantasias e o circo antigo surgiu com esta finalidade; os circos modernos se construíram a partir de uma forma de encantamento, de fuga e de abstração do mundo real.

Palavras-chave: Imaginário. Dança. Circo. Identidade. Arte.

ABSTRACT

The present work deals with the differences between "popular culture" and "erudite culture", according to Peter Burke (2010) and, also, to distinguish them from each other. Aiming to exemplify using the artists of the city and their origins around the world until the arrival of contemporary circuses in Brazil. Therefore, it is essential, first, a description of the circus trajectory: since its origin in ancient society, the art of entertainment has persisted as an art full of myths, beliefs and fantasies and the ancient circus emerged for this purpose; modern circuses were built from a form of enchantment, escape and abstraction from the real world.

Keywords: Imaginary. Dance. Circus. Identity. Art.

INTRODUÇÃO

Este ensaio trata-se das diferenças entre “cultura popular” e “cultura erudita”, segundo Peter Burke (2010) e, também, de distingui-las entre si. Tendo como objetivo exemplificar utilizando os artistas saltimbancos¹ e sua origem pelo mundo até a chegada dos circos contemporâneos no Brasil. Portanto, é fundamental, primeiramente, uma descrição da trajetória do circo: desde sua origem na sociedade antiga, a arte do entretenimento, persiste como uma arte cheia de mitos, crenças e fantasias e o circo antigo surgiu com esta finalidade; os circos modernos se construíram a partir de uma forma de encantamento, de fuga e de abstração do mundo real.

¹ SALTIMBANCO: Significado de Saltimbanco s.m. Histrião que exhibe suas habilidades na via pública ou nas feiras, em geral em um estrado; farsante, pelotiqueiro. Fig. Indivíduo indigno de confiança ou consideração. São integrantes de um grupo de nômades-atores que vão de um povoado a outro fazendo exhibições de circo e comédia, em troca de dinheiro, comida ou hospedagem. Sinônimos: Sinônimos: acrobata, dançarino, equilibrista, funâmbulo, saltimbanco, bufão, burlesco, chocarreiro, polichinelo, títere, farsante, arlequin, comediante, fiteiro, folião, hipócrita, impostor, sonso, farsista, jogral, palhaço, pelotiqueiro, mágico, malabarista, prestigiador.



Não é presumível datar a origem das artes circenses no mundo, porém existem pinturas rupestres descobertas na China, em 4.000 a. C.. Também foram encontradas pinturas nas pirâmides do Egito, em 2.500 a. C. Aliás, a profissão de domador surge no Egito, para atender à mania dos faraós, que adoravam exibir animais ferozes em seus desfiles militares. Na Índia, em 1500 a. C. números de contorção e saltos fazem parte de espetáculos sagrados. E por último na Grécia em 300 a. C, as paradas e os números de força eram modalidades olímpicas e os sátiros, os primeiros palhaços, já faziam o povo gargalhar.

A partir deste momento é necessário separar o circo da arte circense. O primeiro, como conhecemos, é toda a sua estrutura física circular com picadeiro, lona, mastro, trapézios, desfiles de animais exóticos, pipoca, algodão-doce, batata frita, maça do amor etc., enquanto que, o segundo, é resultado de performances artísticas desenvolvidas em diversos países ao longo do tempo.

Com as mudanças advindas das revoluções entre o período de 1500 a 1800, a “cultura popular”, ou seja, a cultura das classes populares sofreram muitos impactos. Foram afetados, de certa maneira, os padrões dos camponeses e artesões, passando por uma remodelação política, econômica e social, contribuindo para um aumento demográfico – onde as pessoas saíram das áreas rurais para as cidades em busca de trabalho, acelerando o processo de “urbanização”. Este processo é conhecido como “revolução comercial”, uma revolução que se destacava por uma grande divisão de trabalho entre os países europeus.

Nesse contexto, a “cultura” é reflexo da efervescência do comércio com o exterior oriundas das grandes navegações, os artesões perde cada vez mais o seu espaço com a “industrialização”, assim como, os artistas, pois, o entretenimento popular se transforma cada vez mais num comércio – os espetáculos e as apresentações passaram a ser em recintos fechados, que segundo Peter Burke (2010) com essa comercialização da “cultura popular” fica muito evidente quando os artistas de rua passam a se apresentar em locais fechados, obrigando o público a pagar uma taxa para assistir as apresentações.

DISCUSSÃO

Portanto, a “cultura popular” esta associada ao povo, às classes excluídas socialmente, às classes dominadas. Diz respeito ao conhecimento espontâneo e está diretamente ligada às tradições. Enquanto que a “cultura erudita” trata-se da elite social, econômica e política de uma dada sociedade, onde o conhecimento é puramente científico. É nesta conjuntura que se observa:

“O caso mais notável de comercialização da cultura popular é o circo, que remonta à segunda metade do século XVIII; Philip Astley fundou seu circo em Westminster Bridge em 1770. Os elementos do circo, artistas como palhaços e acrobatas, como vimos, são tradicionais; o que havia de novo era a escala da organização, o uso de um recinto fechado, ao invés de uma rua ou praça, como cenário da apresentação, e o papel do empresário. Aqui, como em outros âmbitos da economia do século XVIII, as empresas em grande escala vinham expulsando as pequenas.” (BRUKE, 2010:329-330) .

É dentro dessa conjuntura que surge o circo no século XVIII: com um suboficial inglês e perito cavaleiro chamado Philip Astley (1742-1814), ele descobriu que, se ficasse de pé sobre seu cavalo enquanto o animal galopava em círculos, a força centrífuga o ajudaria a manter o equilíbrio; apresentava habilidades com cavalos em uma pista circular como as que são usadas nos treinamentos de equinos, e o público ficavam ao redor para assistir ao espetáculo, ao qual juntou saltimbancos, funâmbulos, saltadores. Astley com o tempo melhorou a estrutura do seu espetáculo com a construção de um local permanente e coberto, substituindo as apresentações ao ar livre para recintos fechados, continham números equestres misturando acrobacias,



pantomimas e outros entretenimentos. Com isso, começaram a surgir companhias similares na Europa.

Além do comércio do lazer, neste período, existia também a comercialização da erudição, observa-se aí, interesse na reforma da “cultura popular” e de tudo aquilo que não é oficial, por uma sociedade letrada e a Igreja como uma das maiores incentivadoras. A “cultura erudita” surge no século XIX, com o propósito de um conhecimento mais técnico, empírico para a sociedade.

Contudo, o circo passou por diversas modificações até transformar-se no que é hoje, adaptando-se as novas necessidades e as novas realidades. Ele chega à América no início do século XIX, num contexto histórico onde já havia uma colonização social consolidada, trazendo outro marco importante para a formação atual dos circos, como o uso da lona: os custos de instalação diminuem e facilita a montagem e desmontagem tornando-a mais rápida, permitindo o deslocamento para vários locais distantes. Esta prática trazida dos EUA, segundo Wellington Sacchi (2009), tornou-se comum entre os circos.

“(…) praticamente todos os circos deste país já usavam esse sistema. Não demora e a novidade chega à Europa com diversos circos passando a adotar a lona com suas possibilidades de locomoção, em busca dos novos públicos em locais diversificados”. (SACCHI, 2009: 9)

No Brasil, o circo vem também no início do século XIX: a fase de ouro trouxe muitas características particulares para o circo de acordo com os ciclos econômicos, como o do café, a da borracha, o da cana-de-açúcar e etc. As principais companhias foram formadas por famílias circenses, essa nova forma de espetáculo ganhou força no país através de novas gerações que mantêm a tradição familiar, marcada pela oralidade, pela itinerância e pela formação familiar.

Levando em consideração que as artes circenses são seculares, o modelo de apresentação do circo é marcado pelos acontecimentos do século XIX, como a invenção da televisão que é quando a estrutura circense começa a se constituir para chegar ao seu modelo atual; no Brasil o circo têm duas características importantes que é de extrema importância para entender sua formação.

Pois, desenvolveu-se dentro de uma estrutura onde toda sua base é resultado de uma formação histórica de agrupamentos familiares permitindo que se desenvolvam como companhia, chamados de “circo-família”. Alguns dos aspectos que contribuíram para essa formação: força de trabalho, entre os familiares fica mais fácil devido ao grande número de pessoas que trabalham para o desenvolvimento do circo, por serem artistas saltimbancos, nômades com relação a sua natureza e, por último, a aprendizagem e a tradição, estão intimamente relacionados, pois a aprendizagem é passada por meio oral pelas gerações construindo e reconstruindo suas histórias por meio dos saberes de pais para filhos.

E a segunda, é o “circo-teatro”, foi um gênero que surgiu do teatro muito comum e de muito sucesso no Brasil durante o século XX. Pequenas companhias circenses se alternavam por todo o país, apresentando números com textos teatrais cômicos ou melodramáticos. “O elenco principal era composto pelos mesmos artistas da primeira parte do espetáculo, no qual eram exibidas acrobacias de solo e aérea, animais, reprises e entradas de palhaços.” (SILVA, 2007:106). O sucesso deste tipo de espetáculo ocorreu num tempo que a influência do cinema e da televisão ainda eram incipientes.

“Essa característica é fundamental, pois será a marca do conjunto que constituiu o circo-teatro e permaneceu com essa forma até por volta da década de 1970, e em alguns poucos grupos circenses até hoje”. (SILVA, 2007:106)



Outra transformação interessante foi a do final do século XX: que surgiram as primeiras manifestações de “circo novo”, do “circo escola” e dos “circos contemporâneos” ligados às formas humanas e suas qualidades. O circo tornou-se um conhecimento emergente na sociedade, ou seja, todas as atividades ligadas ao circo ressurgem em diferentes ambientes, como festas, boates, parques, festas infantis e também como prática esportiva em academias, ONGs e projetos educativos em escolas para uma tentativa de profissionalização da arte circense. A partir deste momento, os circos tradicionais entram em decadência, pois, deixam de atuar como transmissores da “cultura popular” para sobreviver da sua representação.

Os conceitos de “circo”, as técnicas dos espetáculos e os artistas circenses não são considerados universais, está além do que pode ser identificado como uma linguagem universal do corpo. Ou seja, os circenses, ao se apresentarem em vários espaços como acrobatas, ginastas, mágicos, cantores, palhaços e músicos vão realizando trocas de experiências entre si e, por isso, o circo é pensado a partir de sua época e de sua sociedade, nas quais estabelecem relações específicas, tensas, competitivas, harmoniosas, cooperativas, dinâmicas, criativas e políticas com o meio no qual foi inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, ao pensar as produções de circo, através das ações realizadas pelos artistas revelam-se as várias formas desse fazer circo e as diferentes maneiras de ser um artista circense, a partir daí é possível entender como os homens e mulheres circenses, ao mesmo tempo em que mantiveram uma característica específica, renovam, criam, adaptam, incorporam e copiam as experiências vividas em cada período, enfrentando novos desafios e obstáculos decorrentes das continuidades e mudanças encontradas na sociedade, nas produções culturais e em si mesmo para não morrer.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo, Antropologia e Sociedade*; tradução Marina Appenzeller- campinas, SP. Papyrus, Ed. 2003.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Festa no Pedacço. Cultura popular e lazer na Cidade”. São Paulo: Editora brasiliense s.a, 1998.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia, com introdução à obra de Marcel Mauss, de Caude Lévi-Strauss*; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.
- PIMENTA, Daniele. “A dramaturgia circense: conformação, persistência e transformações”. Tese de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas; 2009.
- SACCHI, Wellington. “A identidade Saltimbanco”. Dissertação de Doutorado, pela Universidade Estadual de Campinas; 2009.
- SILVA, Ermínia. “Circo-tatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil.” São Paulo: Altana, 2007.



_____. Erminia. “As múltiplas linguagens na teatralidade circense: Benjamim de Oliveira e o circo-teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX.” Tese de doutorado do instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas; 2003.